

LEMBRANÇA DE SOUSA DA SILVEIRA

Gladstone Chaves de Melo
UFF

Conheci Sousa da Silveira em 1940, quando tinha 23 anos. Tendo ele perdido seu assistente, Sílvio Elia, que o deixara para assumir outro posto mais conveniente, mais bem remunerado e efetivo, que conquistara por concurso – tendo perdido seu assistente, o saudoso e sábio Augusto Magne indicou-lhe meu nome para ocupar o lugar vago. Fui aceito e então comecei a conviver com aquela ilustríssima figura, até 1967, quando faleceu.

Pude então aproveitar-me à larga, de seu saber, de sua retidão moral, de sua dedicação aos alunos e ex-alunos.

Era engenheiro geógrafo e civil, pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, mas pouco exerceu essa profissão. Sempre teve gosto pelas letras, e um dia, lendo José Leite de Vasconcelos, descobriu que também elas tinham segurança de métodos e de conclusões. Aliando então o espírito científico ao que mais o agradava, entregou-se de corpo e alma à Filologia e à Lingüística, e produziu essa obra magnífica e *permanente*, onde todos nos abeberamos.

Era realmente admirável o conhecimento que tinha da língua, em todas as suas fases, e conhecimento *direto*, haurido da leitura dos textos. Para qualquer coisa que se perguntava tinha pronta resposta, complementada por trechos de diversos autores, citados de memória.

Muito afável no trato, era realmente um grande prazer conversá-lo.

Fica então aqui este singelo depoimento, marcado pela verdade e pela saudade.
